



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

GABRIELA, CRAVO E CANELA: SUBJETIVIDADE FEMININA E RESISTÊNCIA NA OBRA DE JORGE AMADO

Úrsula Lima Brugge; José Gerardo Vasconcelos (orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Universidade Federal do Ceará

Resumo

Este trabalho é fruto de um estudo maior desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará que resultou na tese de doutorado intitulada *Gabriela, Cravo e Canela: subjetividade feminina e resistência na obra de Jorge Amado*, defendida em julho de 2015. Nesse trabalho, a grande questão que se colocava era a resistência das personagens do romance *Gabriela, Cravo e Canela* – mais especificamente, Malvina, Sinhazinha, Glória e Gabriela – aos padrões de conduta socialmente aceitos e impostos às mulheres. Nesse viés, questões como o tabu da virgindade, a preparação da mulher para o casamento, seu assujeitamento aos quereres masculinos, a traição feminina ao matrimônio, a prostituição foram algumas das temáticas abordadas ao longo do estudo.

Palavras-chave: Gabriela Cravo e Canela, Educação da mulher, Diferença, Resistência.

Introdução

Após dois anos dedicados à análise da produção midiática imagético-discursiva dos corpos femininos contemporâneos, múltiplas questões surgiram em meus horizontes de pesquisa. Posso afirmar que, ao encerrar aquele trabalho, senti meu limite: percebi que mantive meu olhar centrado sobre uma ínfima parte de um enorme *iceberg* que, afinal, constituía meu universo de pesquisa. Sinto hoje a necessidade de avançar, de mergulhar neste oceano de possibilidades e explorar aquilo que extrapolou minha percepção e minhas possibilidades naquele registro.

Como disse, pesquisei a formação discursiva do corpo feminino na contemporaneidade. Estudei os jogos de investimentos que a mídia estabelece a fim de produzir um determinado

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

perfil de corpo que é por ela apontado como *ideal, belo, saudável, desejável, feminino*. Para tanto, analisei registros discursivos presentes em revistas femininas e cujo foco são os cuidados com o corpo; no caso, as revistas *Corpo a Corpo* e *Boa Forma*. Assim, entre minhas análises a respeito das estratégias discursivas em torno das quais a mídia se organiza para fazer funcionar seu “dispositivo pedagógico” (Fischer, 2002) e das estratégias de legitimação do discurso que visam garantir a fidedignidade necessária para a sustentação do regime de verdade estabelecido pela mídia, pude perceber um dado perfil de corpo feminino sendo meticulosamente projetado.

Um corpo jovem, magro, trajado segundo a moda, de *belas formas e boa aparência*. Um corpo impedido de engordar, de envelhecer e de ter em sua expressão qualquer tipo de manifestação de sua idade ou dos contornos que sua condição humana lhe impõe. Um corpo sem manchas, sem rugas, sem estrias, sem celulite; uma expressão limpa de imperfeições e cujas formas são definidas a partir de um conjunto de intervenções tecnológicas que atravessam e constituem o corpo feminino de uma dada forma.

Em poucas palavras, produzi um registro a respeito dos modos midiáticos contemporâneos de subjetivação/formação/educação corpo feminino. Defendi que as revistas ensinam as mulheres a serem *mulheres*; que elas, as revistas, se constituem como um espaço plenamente pedagógico, não só pelo fato de explicitarem seus assuntos de modo didático, mas por se mostrarem como uma verdadeira maquinaria de produção de verdades sobre e para um sujeito feminino que deve aprender, através delas, a olhar para si, a julgar-se e a cuidar de si. Desse modo, afirmei de modo bastante categórico, em meu trabalho, a existência de uma estreita relação entre o discurso da mídia e a subjetivação do corpo feminino contemporâneo. E, por esse motivo, fui por diversas vezes interpelada, ao longo da pesquisa, a respeito das resistências a esses investimentos: onde estão as linhas de fuga?

Contudo, tomando apenas o universo discursivo em pauta naquela análise – o das revistas femininas –, não consegui localizar nenhum foco de resistência: o discurso midiático é maleável; mediante possíveis focos de resistência, ele muda, busca outras estratégias. É comum que um enunciado apontado, *a priori*, aos cuidados com a beleza seja imediatamente associado à manutenção da saúde, do bem-estar, da felicidade, da autoestima etc. Essa é, por

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

certo, uma das estratégias do discurso para neutralizar justamente possíveis focos de resistência. Com isso, ainda que as leitoras relutem contra a *ditadura da beleza*, elas possivelmente acabarão por se submeter a tais normas, afinal, o que está em jogo agora é a sua saúde (e a sua vida!).

No entanto, essa questão das resistências foi algo que realmente passou a me incomodar. Afinal, não há mesmo como escapar desses ideais, normas, regras e imposições que envolvem o feminino e lhe ditam um dado modo de pensar, de ser e de agir? E não estou mais aqui problematizando restritamente o *corpo*, mas expandindo minha perspectiva, ponho em xeque questões mais gerais que envolvem a existência feminina como um todo – por exemplo, os lugares sociais da mulher, sua formação educacional, seus sentimentos, a trajetória histórica da mulher etc.. E, expandindo ainda mais, começo a pensar não em termos de *feminino*, mas de *femininos*, no sentido da não-existência de um *modelo de feminino*, mas da existência da pluralidade, da diversidade e das diferenças.

Mas, como disse, se o campo discursivo da mídia se revelou pouco fértil para pensar a problemática das resistências, de onde partir então? Foi nesse ponto que se deu meu afastamento do discurso da mídia e minha aproximação ao campo da literatura. À medida que fui me aproximando desse universo discursivo, comecei a perceber nele um campo fértil para a expressão da tão questionada resistência aos modelos estabelecidos e ao discurso que envolve a subjetivação da mulher.

Enquanto o discurso midiático está demasiadamente comprometido com um discurso de verdade de bases empíricas e comprováveis, a literatura, por sua capacidade artística e ficcional, está liberta de tais amarras. Ela pode criar uma realidade paralela; pode confrontar os padrões sociais vigentes na realidade cotidiana das ruas e lares; pode explorar outras dimensões; pode ser irônica; pode ser crítica e pode, especialmente, ser criativa. Daí tão facilmente servir de cenário para a expressão de resistência à realidade vigente.

Ponho-me a pensar, por exemplo, o quão estranho soaria se uma revista como *Corpo a Corpo* lançasse uma matéria cujo conteúdo concluísse que as mulheres não precisam de tantos adornos, maquiagens, perfumes, roupas, sapatos e intervenções tecnológicas para serem bonitas e atraentes. Mas, na contrapartida, em nada choca saber que a Gabriela de Jorge

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Amado se destaca por sua beleza e sensualidade, embora simples, pobre, vestida em trapos, exalando seu cheiro (natural) de cravo. Por quê? Porque a literatura se permite a esse tipo de imagem, porque ela está aberta à inspiração, ao novo, ao diferente.

Neste trabalho resolvi, pois, arriscar-me pelo campo discursivo da literatura. Um campo novo para mim, é verdade; obscuro algumas vezes, mas extremamente interessante de ser investigado. Nele, busco manifestações de resistência às normas, às regras e aos modos de subjetivação estabelecidos e impostos às mulheres. Em outras palavras, busco na literatura novas ideias à educação da mulher, ideias estas que escapem ao que temos hoje como natural, como comum à educação do feminino.

1. Do encontro com Jorge Amado e o por quê de Gabriela

Tinha, há algum tempo, certa familiaridade com a história de *Gabriela, Cravo e Canela*; por suas montagens para o cinema e televisão, a obra ganhou uma maior propulsão e popularidade; não poderia, pois, abster-me da curiosidade gerada ao ver a imagem de Sônia Braga em alguma lembrança da novela da Rede Globo de 1975, de autoria de Walter George Durst, ou em algum encarte do filme de Bruno Barreto de 1983 – o qual assisti há muitos anos atrás.

Com a remontagem da novela em 2012 para a televisão – novamente pela Rede Globo, assinada agora por Walcyr Carrasco e com Juliana Paes no papel principal – e, acompanhada dos muitos questionamentos residuais do meu mestrado, acabei por enxergar nessa história indícios de que, através dela, poderia, talvez, encontrar algumas das respostas que estava procurando desde 2010, quando defendi minha dissertação.

Assistia *Gabriela* e, cada vez mais, achava aquela mulata cor de canela *diferente*. Seus modos, suas escolhas, sua postura, suas decisões, tudo nela parecia contrastar com as demais personagens femininas da narrativa – fossem solteiras, casadas ou prostitutas. Mas, será que no romance também era assim?

Não queria, pois, partir das montagens, já que muitos elementos – como os sentimentos, os pensamentos e as motivações – que envolvem as personagens e que as

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

definem acabam, muitas vezes, se perdendo quando um romance literário é adaptado para o cinema, teatro ou televisão.

Resolvi, pois, comprar o romance e, assim, iniciei a leitura. Não propriamente uma leitura comum, *de cabeceira*. Desde o começo estabeleci uma postura investigativa diante da obra, lendo-a de modo criterioso, analítico, atentando-me para as minúcias de cada passagem. O objetivo era averiguar, por um lado, a solidez das ideias que me estavam surgindo a medida em que me envolvia com a história de *Gabriela*¹, por outro, atestar a viabilidade de desenvolver tal estudo.

Ainda em meados da leitura, já tinha elementos suficientes para garantir a viabilidade da pesquisa. Mas, naquela ocasião, acreditava que somente um estudo comparativo entre as protagonistas de Jorge Amado – a saber, Gabriela, Dona Flor, Tereza Batista e Tieta² – poderia ser relevante. O objetivo seria analisar a questão da resistência feminina dentro da obra de Jorge Amado, tomando suas protagonistas, por sua posição de destaque dentro de suas respectivas obras, como foco de análise.

No entanto, ao finalizar a leitura de *Gabriela, Cravo e Canela*, percebi que a diferença de Gabriela só ganha efetivo realce quando contrastada com as demais personagens do seu próprio romance. Desse modo, atestei que a melhor forma de tentar compreender Gabriela, seria, antes de tudo, elucidando as características – sentimentos, educação, motivações, pensamentos, ações, reações, trajetórias etc. – das demais personagens femininas que a cercam no romance.

Essa elucidação, contudo, se mostrou bastante desafiadora: ao contrário do que pensava em um primeiro momento, as demais personagens femininas que compõem o romance não são em nada lineares, simplórias e de fácil caracterização. Glória, Malvina, Sinhazinha, por exemplo, são personagens extremamente complexas, controversas e

1

1Refiro-me aqui à novela

2

2Protagonistas, respectivamente, dos romances *Gabriela, Cravo e Canela*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *Tereza Batista Cansada de Guerra* e *Tieta do Agreste*.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

desafiadoras. Elas puseram em xeque por diversas vezes minha argumentação e minhas hipóteses iniciais – a principal delas, a de que Gabriela era a *única* a se destacar por sua diferença dentro do romance. Cada qual, a seu modo, é também diferença e isso fez com que ganhassem destaque cada vez maior em minha problematização.

Assim sendo, diante da complexidade que o objeto foi tomando e diante também do modo como decidi operacionalizar a pesquisa – fazendo um jogo entre os achados do romance e discussões teóricas de cunho histórico e filosófico – achei melhor restringir este estudo à obra *Gabriela, Cravo e Canela* e suas personagens.

2. Dos objetivos da pesquisa

A problemática desta pesquisa se resumia, pois, em duas perguntas-chave: 1) Como se dão os processos de subjetivação/formação das mulheres dentro do romance *Gabriela, Cravo e Canela*? 2) Até que ponto as personagens femininas desse romance – especialmente a protagonista – representam resistências aos modos de subjetivação das mulheres na sociedade brasileira apresentada na narrativa?

Meu objetivo geral era pensar, portanto, o fenômeno da educação das mulheres (seus modos de subjetivação) por dentro da literatura de Jorge Amado, especialmente através da obra *Gabriela, Cravo e Canela*.

Especificamente, objetivava: 1) Descrever os modos de subjetivação/educação das mulheres dentro do referido romance; 2) Analisar as personagens femininas em suas manifestações de resistência aos modos de subjetivação da mulheres na sociedade brasileira apresentada no romance.

Com este trabalho defendi, pois, a tese de que a literatura de Jorge Amado constitui-se como um rico espaço de manifestações de resistência ao discurso corrente a respeito das mulheres e seus modos de subjetivação.

É importante ressaltar que o termo *subjetivação* aqui empregado designa um processo pelo qual se obtém a constituição de um *sujeito*. Segundo Foucault (1987), os modos ou processos de subjetivação ocorrem por duas vias: de um lado, a partir das práticas de objetivação que transformam seres humanos em *sujeitos*; de outro lado, a partir da relação que

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

os sujeitos estabelecem consigo mesmos (cuidados de si). Compreendo, pois, que os modos de subjetivação são, em última análise, processos educacionais que visam a produção de um dado *sujeito*, resultado das práticas de saber e de poder por ele atravessadas. Nesses termos, quando utilizo o termo *processos/modos/práticas de subjetivação* ou simplesmente *subjetivação*, estou compreendendo aí processos educacionais, no sentido de a educação ser, em última análise, um processo de produção de *sujeitos*.

3. Da operacionalização da pesquisa

No campo da educação, a literatura geralmente é abordada em termos de literatura infantil ou como ferramenta de auxílio às metodologias de alfabetização e letramento. O que empreendo, com este trabalho, é algo bem distinto. Utilizo a literatura como instrumento de investigação, dando-lhe um tratamento analítico-interpretativo, a partir de pressupostos históricos, filosóficos e educacionais.

Como dito, iniciei meu trabalho com uma leitura criteriosa e pormenorizada do romance, fazendo anotações, destacando partes importantes do texto nas quais era possível observar aspectos relativos à personalidade, aparência física e elementos da trajetória de vida, moral e costumes de cada personagem.

Terminado esse primeiro estágio, passei para a segunda fase de leitura do romance. Retomando-o do princípio, iniciei o registro de minhas anotações e das principais passagens que destaquei ao longo da primeira leitura. O objetivo era mapear a obra e criar uma espécie de *banco de citações*. Com isso, por um lado, pude fazer uma releitura do romance e ter uma visão mais clara da narrativa como um todo; por outro, a criação do *banco* me ajudou na análise individualizada de cada personagem – posto que pude reunir as principais passagens referentes a cada uma – e, na hora da escrita da tese, pois ficou mais rápido encontrar as passagens pertinentes à argumentação.

A terceira fase de trabalho com a fonte foi a separação das citações em categorias. Foram treze ao total: *Gabriela, Sinhazinha, Malvina, Glória, Solteironas, Nacib, Tônico, Educação Formal, Prostituição, Mulher Casada, Costumes Masculinos, Progresso e Mulher*. A categoria *Mulher Casada* se diferenciava da categoria *Mulher* pelo fato de que, na primeira,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

concentrei especificamente o que foi dito sobre as mulheres que já haviam contraído matrimônio; já na categoria *Mulher*, concentrei citações de cunho mais geral – como a percepção de certas personagens sobre as mulheres, costumes femininos, ações de moças solteiras etc.

Conjuntamente, fui elencando um conjunto de assuntos importantes que de alguma forma estão relacionados com a composição e trajetória de cada personagem. Por exemplo, para analisar Glória percebi que necessitava compreender sobre a temática da prostituição. Já para analisar Malvina, precisaria localizar historicamente sua formação moral e educacional. Sinhazinha, por sua vez, suscitava um estudo sobre a mulher no cotidiano do lar, moral e bons costumes.

Desse modo, fui, paralelamente, pesquisando a respeito desses temas, selecionando autores e fazendo leituras de cunho teórico-conceitual para melhor embasar minha argumentação ao longo dos capítulos que compõem esta tese. Juntamente, pesquisei teses, dissertações e trabalhos em geral sobre *Gabriela, Cravo e Canela*; e, pesquisei também sobre *literatura*, sobre esse campo discursivo que, afinal, está no coração da problemática abordada neste trabalho.

4. Um pouco sobre o romance

Ilhéus, 1925. É nesse cenário que a história de amor entre a sertaneja Gabriela e o árabe Nacib começa.

Nacib nasceu na Síria, mas desembarcou com a família em Ilhéus ainda menino, aos quatro anos de idade.

O progresso fazia-se sentir naquela Ilhéus de tantos rostos, tornando-se um dos pontos mais marcantes no desenrolar dessa trama – demonstrando toda sua potência na mudança das ambientações, das praças e ruas, na reforma da barra etc. –, é certo também que a resistência a ele era bastante forte, especialmente quando o assunto era *mulher de família*: logo no início dessa romântica e sensual história somos surpreendidos com a difamada morte “a tiros de revólver” (AMADO, 2012, p. 37) de dona Sinhazinha Guedes de Mendonça e de seu amante,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

o dr. Osmundo Pimentel pelas mãos do fazendeiro Jesuíno Mendonça, marido traído e de honra lavada com o sangue dos traidores.

Em decorrência do crime, ocorreu a aproximação de Malvina – a filha única do coronel Melk Tavares (AMADO, 2012, p. 83) – com o apaixonado Josué, professor e subdiretor do colégio de Enoch, o que levou os dois a namorarem por algum tempo. Namoro fracassado pelo comportamento machista e retrógrado do professor, abrindo margem para o início de um romance tórrido e malfalado entre a moça e Rômulo, o engenheiro da barra; moço atlético e bem-apanhado, mas separado da esposa, ou seja, não servia para casar.

Observando tudo e comentando ficavam as solteironas, representadas especialmente pelas Irmãs dos Reis e pela “áspera” Dorotéia (AMADO, 2012, p. 83). Severas línguas, sempre maldizendo tudo e todos que ousassem ferir a moral e os *bons* costumes da cidade.

Em lado oposto, as raparigas dos “cabarés” e das “casas de mulheres” (AMADO, 2012, p. 303) da cidade: o El-Dourado, o Bataclan, o Trianon e o Bate-fundo.

Cruzando a rua, jovens e risonhas, passavam as moças do colégio de freiras, andando pelo comércio, fazendo compras, a entrar no bar Vesúvio de Nacib em busca de bombons e caramelos (AMADO, 2012, p. 147). Como diria o Capitão: “A juventude estudiosa, as futuras mães de família. Iracema, Heloísa, Zuleika, Malvina...” (AMADO, 2012, p. 148).

Para deleite dos que bebiam no bar e completo horror das senhoras casadas e das solteironas, no final da tarde, debruçada sobre a janela da casa à esquina da praça, com “os robustos seios empinados como numa oferenda aos passantes” (AMADO, 2012, p. 83), estava Gloria, a protegida do coronel Coriolano Ribeiro, suspirando solitária, a viver sua “vida de cativa, de escrava bem alimentada e bem-vestida” (AMADO, 2012, p. 94).

Com o passo despreocupado, Antoninho Bastos (AMADO, 2012, p. 125), ou Tônico, como era mais conhecido, encaminhava-se ao bar Vesúvio, a tomar o costumeiro aperitivo antes do almoço. Tabelião, filho caçula do coronel Ramiro Bastos, irmão do dr. Alfredo Bastos – médico respeitado –, pai de duas lindas crianças, marido arranjado de dona Olga.

Mais importante que o trago eram as últimas novidades comentadas entre risos e vozes alteradas do Capitão (que não era capitão), do Doutor (que não era doutor), de João Fulgêncio (o dono da Papelaria Modelo), de Nhô-Galo, dr. Ezequiel, dr. Demóstenes e do coronel

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Manuel das Onças. Acompanhando essas histórias particulares, a trama política com seus trâmites, acertos e conchavos. De um lado, os fazendeiros, tradicionais e patriarcalistas – como os coronéis Melk Tavares, Jesuíno Mendonça, Amâncio Leal –, liderados pelo grande chefe Ramiro Bastos. De outro lado, Mundinho Falcão, encabeçando uma onda progressista e de modernização da cidade.

A cidade vivia uma atmosfera de modernização. Consequências da fartura advinda do cacau: cinemas, bares, cabarés, lojas, bailes no Clube Progresso.

Os estudantes eram basicamente as moças do colégio de freiras de Ilhéus – que ali aprendiam a costurar, contar e ler (AMADO, 2012, p. 196), isto é, o básico para se tornarem professoras, e, especialmente, boas esposas e boas mães, servas obedientes do lar e dos futuros maridos – e pelos os rapazes, filhos de fazendeiros, enviados pela família à Bahia³ ou ao Rio de Janeiro para estudarem e voltarem doutores de anel no dedo: “advogados e médicos, engenheiros, agrônomos” (AMADO, 2012, p. 261).

A educação é, por certo, fato que motiva fortes discussões – tanto de cunho político como de viés ideológico-cultural. Se por um lado o Capitão – que ensinava história universal no colégio de Enoch (AMADO, 2012, p. 25) –, o Doutor e João Fulgêncio defendiam o uso da chamada *pedagogia moderna*, que abolia o uso da palmatória e dos castigos físicos (AMADO, 2012, p. 25), por outro, pessoas como o coronel Amâncio acreditavam que o ensino só seria eficaz se realizado por dona Guilhermina, conhecida por sua “mão de ferro” e uso da palmatória como método pedagógico (AMADO, 2012, p. 25). As meninas, para o coronel, deveriam estudar no colégio de freiras, mas os meninos, deviam ser encaminhados para dona Guilhermina⁴.

3

3 Termo usado por Amado no romance para designar a capital do Estado – hoje, Salvador.

4

4Dona Guilhermina é uma personagem da vida de Jorge Amado: foi sua primeira professora, em 1918. Eram uma senhora conhecida muito mais pelo que batia nos alunos que propriamente pelo que lhes ensinava: “Os 'bolos', a palmatória, de dona Guilhermina eram famosíssimos... ela botava um grão de milho aqui na sua mão e sapecava o 'bolo'” (AMADO, 1981, p. 07).

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Mas enquanto Sinhazinha morria pelas mãos do marido enciumado, Malvina quebrava o gelo e aceitava namorar Josué e Glória repousava seus suntuosos seios na janela, em algum lugar do sertão, em meio a seca e à desgraça, caminhava Gabriela. Andava quase saltitante, parecia uma demente, com os cabelos desmazelados, soltos, envolta em sujeira, os pés feridos. Tinha um rosto fino, as pernas altas e o busto levantado. Junto a ela, um grupo de retirantes; entre eles, seu tio, negro Fagundes e o mulato Clemente.

Chegados a Ilhéus, no mercado de escravos, Clemente e negro Fagundes foram-se com coronel Melk para a fazenda. Gabriela, vestida em trapos miseráveis, coberta de tanta sujeira que tornava impossível ver-lhe as feições e dar-lhe a idade, os cabelos desgrenhados, imundos de pó, os pés descalços, trazia uma cuia de água a uma velha que entre os retirantes estava. Fora essa a primeira imagem que Nacib, a buscar desesperado por uma cozinheira, tivera dela

Conversaram um pouco, mas “Talvez porque ela risse, Nacib concluiu que não servia. Essa gente vinda do sertão, esfomeada, era capaz de qualquer mentira para conseguir trabalho. Que podia ela saber de cozinha? Assar jabá e cozinhar feijão, nada mais. Ele precisava de mulher idosa, séria, limpa e trabalhadora, assim como a velha Filomena. E boa cozinheira, entendendo de temperos, de pontos de doces” (AMADO, 2012, p. 108). Virou-lhe as costas, desejou-lhe sorte e foi saindo quando ouviu uma voz atrás dele, arrastada e quente:

“– Que moço bonito!” (AMADO, 2012, p. 108).

A princípio, não dera muita importância nem à qualidade da comida nem ao corpo de Gabriela naquelas noites ardentes. Só lhes dera o devido valor quando a frequência no bar começou a crescer e foi preciso aumentar o número de salgados e doces. Quanto ao corpo e “aquele fogo de amor a consumi-la no leito, aquela loucura de noites atravessadas insones” (AMADO, 2012, p. 149), foi-se, insensivelmente, prendendo-se a eles. No começo, ia procurá-la somente em algumas noites, quando não estava cansado e com sono e Risoleta estava ocupada ou doente. Somente nesses casos “decidia deitar-se com ela, à falta de outra coisa a fazer” (AMADO, 2012, p. 149).

Mas essa displicência durara pouco. Rapidamente se habituara à comida e, sem perceber, fora aumentando também a frequência no quarto do quintal, esquecendo Risoleta, passando a não suportar mais seus carinhos representados, suas manhas, seus queixumes e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

mesmo aquela “ciência do amor” (AMADO, 2012, p. 150) que usava para lhe arrancar dinheiro. “Terminou por não mais procurá-la, não responder seus bilhetes, e desde então, há quase dois meses, não tinha outra mulher senão Gabriela. Agora arribava todas as noites em seu quarto, procurando sair do bar o mais cedo possível” (AMADO, 2012, p. 150).

Tempo bom, de vida alegre: boa comida, casa arrumada, roupa lavada, mulher bonita e quente na cama. “No rol das virtudes de Gabriela, mentalmente estabelecido por Nacib na hora da sesta, contavam-se o amor ao trabalho e o senso de economia” (AMADO, 2012, p. 150). Não lhe pedia nada, não lhe cobrava presentes, dinheiro, perfumes ou joias – como o fazia Risoleta.

Mas Gabriela passa a receber mais e mais propostas de trabalho e *amigamento*. O que fazer? A verdade é que sentia medo de perdê-la, de a qualquer momento ela ceder à pressão e à tentação de uma daquelas propostas e deixá-lo. Como viver sem Gabriela? Resolve, por fim, propôr a ela algo que nenhum outro homem daquela cidade poderia oferecer-lhe: casamento. Mas Gabriela, contradizendo o sonho da maioria das personagens femininas, casa-se, mas acha ruim era ser casada...

Referências bibliográficas

BRUGGE, Úrsula Lima. **Corpo, Mídia e Educação:** uma arqueogenealogia da produção imagético-discursiva dos corpos femininos contemporâneos. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGE, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BRUGGE, Úrsula Lima. **Gabriela, Cravo e Canela:** subjetividade feminina e resistência na obra de Jorge Amado. 2015. Tese (Tese em Educação) – PPGE, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.